

texturas⁰⁶

 Revista Literária da Oficina da Palavra • Dezembro • 2021



Enredar

Contos • Crônicas • Poemas • Experimentos



OFICINA DA PALAVRA PUBLICAÇÕES

cynthia@ofpalavra.com.br

+55 (48) 9 8481-0843

instagram: @oficina_da_palavra

facebook: @ofdapalavra

www.ofpalavra.com.br

REVISTA TEXTURAS Nº 6

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Ítalo Mendonça (www.italomen.com.br)

EDIÇÃO E REVISÃO GERAL:

Cyntia de Oliveira e Silva

IMAGEM DA CAPA:

'*Enredar*'

fotografada por Cyntia Silva, 2016.

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.6(dez. 2021) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2021. 58 f.: il

“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica no *site* da Oficina da Palavra

(www.ofpalavra.com.br).

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia. 4. Fotografia. 5.Arte.

Sumário

4 · Apresentação · *Cyntia Silva*

CONTOS & CRÔNICAS

8 · Grampos · *Zara Dobura*

12 · A muda · *Demétrio Panarotto*

16 · Nem lua, nem estrelas · *Marina Izidoro*

18 · As palavras pipocam · *Adriana Leal Brum Silva*

20 · Diário de um artista em formação · *Ítalo Mendonça*

RESENHA

26 · Uma poesia de substância: sobre Cerzindo e Cozendo do Demétrio Panarotto ·
Ibriela Bianca Sevilha

POEMAS E FORMAS LIVRES

30 · A ponto de explodir · *Sérgio Fantini*

36 · Notas para um diário: uma canceria com câncer (na pandemia) · *Simone Schimidt*

42 · Estrela esquisita · *Carlos Augusto - Cacá*

44 · Imani · *Adia Furtado, Anis de Flor, Dandara Manoela e Marissol Mwaba*

46 · Abrasabarca · *Ana Araújo, Ariele Louise, Elisa Tonon, Ibriela Sevilla, Juliana Ben, Juliana Pereira e Luciana Tiscoski*

56 · Créditos Finais



*Costurando o trabalho.
Foto de Cyntia Silva.
Barra de São João-RJ 2017.*

Apresentação

ENREDAR é a palavra de ordem de texturas 6, cuja edição costura vozes de escritoras, escritores e coletivas nesta trincheira literária.

Entre os temas, entrelaçam-se: distopia - palavras - delicadeza - silêncio - terror - Lua - estrela - diário - cerzir e cozer - explosão - resistência - enfrentamento - amor - desejo - portas.

Na seção de **contos e crônicas**, contamos com textos de *Zara Dobura*, *Demétrio Panarotto*, *Marina Izidoro* e *Adriana Leal Brum Silva* e *Ítalo Mendonça*.

A **resenha** ficou por conta de *Ibriela Bianca Sevilha*.

Em **poemas e formas livres**, trazemos as palavras de *Simone Schmidt*, *Sérgio Fantini* e *Carlos Augusto (Cacá)*. Nesta seção temos, também, duas coletivas: **Abrasabarca**, com *Ana Araújo*, *Arielle Louise*, *Elisa Tonon*, *Ibriela Sevilla*, *Juliana Ben*, *Juliana Pereira* e *Luciana Tiscoski*; e o grupo musical **Imani**, com *Adia Furtado*, *Anis de Flor*, *Dandara Manoela* e *Marissol Mwaba*.

As **ilustrações** registram os lindos trabalhos de *François Muleka*, *Ítalo Mendonça*, *Luciana Tiscoski*, *Marina Izidoro*, *Paula Schlindwen* e *Victor Zanini*. As **fotos** são de *Cyntia Silva* e *Ricardo Laf*.

No período em que estivemos gestando este número, fiz algumas andanças fora de casa e levei a Revista na mala para espalhar as vozes que passaram por aqui e garimpar outras sintonizadas com o nosso trabalho. Registro

dois espaços de cultura que conheci: *Sebo Vermelho* - sob a batuta de *Abimael Silva*, em Natal-RN - a quem fui apresentada pela amiga Cláudia Cosme; e a *Banca da Conceição*, em Brasília-DF, cuja ponte foi feita por minha irmã Kátia. No próximo número, teremos registros do que pescamos por lá.

O lançamento de *Texturas 6* será virtual para chegar a quem quer nos abraçar a distância. Contudo, com muitos de nós já imunizados, teremos uma **feira cultural** no bar *Comitê* para quem quiser nos visitar, adquirir exemplares impressos da revista, camisetas poéticas e livros de autor@s que passaram por nossas edições.

Registro, por fim, meu profundo agradecimento a tod@s que têm contribuído, voluntariamente, para materializar *Texturas*. Nosso projeto ainda não conta com apoio financeiro externo, o qual seria importante, inclusive, para remunerar artistas e produção. Por isso, além de disponibilizar gratuitamente as edições virtuais, estamos vendendo exemplares impressos para ajudar a cobrir parte dos custos e fazer circular as publicações.

Para escutar os textos desta edição, acesse o *podcast* da Oficina da Palavra, disponível nos principais agregadores de áudio.

Desfrutem-na.

Beijo grande.

Cyntia Silva

Contos & Crônicas



Colagem Analógica
de Lu Tiscoski.

Grampos

Zara Dobura. (1997 -) *Residente em São Paulo, é uma Travesti multi-artista periférica, com enfoque e interesse por questões sociais em performances de gênero, pautas decoloniais, mundo LGBTQIA+, anticapitalismo, etc. Formada pela UFSC, é mestranda na ECA - USP, onde cursa e pesquisa atuação e direção em Artes Cênicas. Tem experiência com teatro, performance, música, poema/poesia, dança, cinema, modelo, artes visuais. Compõem com os movimentos de Batalhas de rap/sarais nacionais; participa da cena Vogue Brasil e se produz independentemente na cena audiovisual/musical. Performa na noite, em bares, festas e eventos. Quando fala sobre o ser humano, prefere trazer à tona questões existenciais, neurodivergências, contradições e tudo que é “indeglutível para o status quo”. Insta/ Facebook/ tiktok : @zaradobura. Email: zaradobura@hotmail.com*

VOCÊ SEMPRE ESTÁ PRESO. Constantemente algo lhe prende, ou acreditando que possui alguma coisa, prende-se a esse algo. Um som, uma imagem, uma sensação, um lado. A realidade em que vive te expõem a uma situação contraditória: eres um corpo totalmente amplo, capaz de explorar cada canto da existência, mas vive em um mundo fechado, cercado, limitado, delineado, fixado. Foi-te ensinado que esse é o correto, mas tua natureza é uma indubitável quimera.

Nesse contexto é que se prostra esse corpo: diante do próprio pecado, da própria perdição. Um corpo-contradição que sente prazer em seguir condutas e regras regidas por leis invisíveis, mas que sente tesão maior ainda em quebrá-las. Olhos que devoram o proibido, enquanto lançam-se sobre a própria nuca para garantir que ninguém os tenha visto.

A eterna insatisfação de ficar parado em um lugar, levando-te a construir uma rígida parede de certezas, só para entre as brechas dos tijolos esconder alguns segredos. Foge da mesmice para sentir o falso sentimento de liberdade, enche-se de intelectualidade, para compensar suas ebriedades, ostenta a fidelidade, mas por trás flerta constantemente com as traições.

Esse é o destino do corpo-contradição. Intoxicar-se para depois se limpar, prender-se para se soltar, em repetidos ciclos que contêm os seus maiores anseios, mas afastem os medos mais imobilizantes. Tragaremos nosso ideal de civilização por gerações, somente para, a qualquer momento, rastejarmos impiedosamente de volta a nossa naturalidade.

E quando isso acontecer, as instituições onipotentes ruirão e a consciência coletiva entrará em colapso. As estéticas serão colocadas a prova: qual o limite, quem impôs o limite? O que se transforma quando se pisa em cima dele e transita-se por entre as bordas... Ou melhor, como eu o confundo deixando-me contaminar por todas as manifestações em simultâneo? Conceitos se chocarão e assustarão os acomodados da forma. O belo, o feio, a técnica, a improvisação, certo, errado, bom, mal, o estilo livre. Tudo já terá sido feito e testado. O original já não pode existir. A hipervalorização do sentido será responsável pelo seu total esvaziamento.

O poder será fragmentado. Dominará quem tiver a moeda de troca que valha por mais tempo, seja lá qual for: a fé já não convencerá mais, e o capital não será suficiente para comprar o ideal das massas. Explosões e implosões, então, serão uma constante, macro e micro coexistindo embutidos na mesma esfera. O mundo estará em guerra, onde os países vizinhos guerreiam entre si, e em suas cidades existem guerras internas onde, nas ruas, gangues guerreiam umas contra as outras, porque no seio de suas famílias há guerra de indivíduos que guerreiam contra si mesmos todos os dias.

O sexo será escancarado: em número, gênero e grau. Todas as propostas serão aceitas e midiaticizadas. A ideia sancta foi rompida e agora os seres apenas gozam. A enorme oferta de parceiros, fetiches, prazeres, objetos, apetrechos, botões e máquinas garantirão que o ato de perpetuação de espécie se torne uma espécie de auto-ato perpétuo. A morte do pudor causará uma intensa onda de euforia ao redor do mundo, seguida pela crise existencial mais aguda pós-orgasmo já concebida. Os seres se sentirão ato após ato, cada vez menos dispostos, menos conectados e menos vivos...

As pandemias não serão mais anunciadas, pois há muito se perdeu a noção de escala. O uso de remédios e entorpecentes será tão grande que não se saberá mais se as mortes foram naturais ou induzidas. Nenhum sistema civilizatório jamais conseguirá se instaurar novamente.

Quando voltarmos a esse estado de sobrevivência a ética e a moral cairão por terra. Matar será tão assintomático para o psicológico quanto um bocejo, bocas acordarão

com resto de vísceras dos semelhantes entre os dentes e isso não levantará questionamento algum. A propriedade será esfarelada. Nada poderá assegurar a saúde, segurança e moradia de ninguém.

As cidades serão grandes distopias entre aqueles que defendem os freios embutidos em seus lóbulos frontais e aqueles que, desenfreados, mais recordam uma matilha de lobos (alguns talvez até andem em quatro patas). Nesse palco de cortinas sombrias, o ser humano é interssexual, uma visão dicotômica não tem mais controle para re-ger os corpos, agora verdadeiras mutações biológicas. Simples era a época em que o maior dos problemas eram duas cores.

A vida se tornou imprevisível, em uma escala randomicamente desproporcional. Todos relacionam-se entre familiares, animais, e até com os mortos. NÃO HÁ MAIS JULGAMENTO. Os seres humanos comprovam diariamente a inexistência de seu próprio Deus. O destino dos conscientes é trancafiar-se em suas celas mentais, como quem prende o próprio braço no instrumento de tortura, proclamando-se carrasco de si.

Talvez as alucinações tomem conta de seus peitos e os levem a se atirar dos prédios. Os inconscientes, sem lembranças do que antecedeu e sem a certeza do que se sucederá, não realizam mais quaisquer rituais associados a humanidade, estão fadados a correr sob terra tão caótica, na sorte de esbarrar com quem os prende.

Mas, os que mais assustam são os que trivializaram a morte e até preferem que ela chegue rápido. Encontrados aos milhares, nos campos, nos concretos, em bancos, mesas e ruas. Não comem, não bebem, não se mexem. Estendidos e enfileirados, parecem como grampos num varal. Desses corpos enraizados, vem a última contradição: seus olhos, aguardando pelo fim, parecem querer flutuar aos céus. ☪

A muda

Demétrio Panarotto. (1969 -) *Nasceu em Chapecó-SC. É um músico, compositor, pesquisador, professor e literato brasileiro. Paralelamente a uma carreira musical com a Banda Repolho e projetos alternativos, louvados pela sua originalidade e irreverência, desenvolve atividades como acadêmico, palestrante e escritor. Publicou vários livros de poesia e prosa que lhe valeram o reconhecimento como um dos nomes de destaque da nova literatura do estado de Santa Catarina.*



Ilustração de Victor Zanini

A HISTÓRIA QUE VOU CONTAR para vocês é dessas que são assim, como vou dizer, tipo causo.

Histórias que as pessoas perguntam:

— Mas isso aconteceu mesmo?

E a gente responde:

— mas claro que sim.

E se as pessoas insistirem,

— tem certeza?

E a resposta é na tampa,

— mas claro que não.

Pois bem, a de hoje é a história da muda. Não sei se todos conhecem, e naturalmente isso tem muita importância, porém o fato é que para quem conhece eu vou atualizar como anda o causo e quem não conhece, vai conhecer.

Reza os improvisos das pessoas mais antigas que na cidade de Chapecó, lá pelos idos de quando o vilarejo ainda engatinhava e as pelotas de merda caíam para fora da fralda, havia uma muda que uma vez por mês, confirmado assim que nem dor de pontapé na panturrilha, bem nas noites de lua cheia, subia as escadarias da igreja, por volta da meia-noite mais precisamente, e começava a uivar.

Pensem num uivo.

Sério, multiplique agora.

Imaginaram?

Daqueles de colocar os miolos em desatino.

Daqueles em que o sorriso parece uma anomalia do esquadramento humano.

Daqueles que chega dá prisão de ventre. Mas prisão bem na hora que a liberdade havia sido conquistada.

Daqueles...

Essa história, como disse, é antiga, assim, mas antiga mesmo, do tempo em que a porta da igreja era o limite pra se entrar na casa de deus. Não havia — como há hoje — os portões de ferro que parece que foram colocados ali para a população não conseguir se proteger da chuva em dia que chove mais que o combinado.

Pensem na cidade, para vocês que não a conhecem ou que não a conheceram na época dos acontecidos: a igreja ficava mais no alto, assim em projeção; o resto da cidade aos seus pés, era ainda, naquela época, um monte de casinhas com uma ou outra exceção de uma casa mais bonita; e era isso, e a muda subia as escadarias da igreja e soltava num estribilho sem volta.

Os butiás, antes de cair dos bolso, se grudavam um no outro na certeza do pior.

Os cachorros da cidade, e olha que cada casa tinha uns três pra quatro, daqueles vira-lata sarnento mesmo, uivavam de volta e ficava aquela briga pra ver qual barulho produzia mais efeito.

Mas a potência do uivo da muda, a de se relevar, era um negócio por mais de impressionante, parece que vinha de dentro, assim das entranhas, das partes baixas mesmo, que deixavam a cidade toda ouriçada.

Ela espaçava as pernas, dobrava um pouco os joelhos, não muito, arregaçava o vestido e soltava e destemperou.

Ouvia-se os uivos dela em todos os cantos da cidade que se possa imaginar.

Ela parecia um orelhão que tocava alto e que não parava de jeito maneira. Nem depois que atendessem a ligação.

Nas casas das pessoas mais boas do que más, minoria na cidade, as crianças perguntavam para os pais,

— que barulho é esse?

Os pais respondiam,

— é o vento, meu filho,

e esse?

— Esses são os cachorros,

E assim seguia a prosa, afinal, o vento anunciava o verão, o inverno, a saída do inverno, a chegada, o momento tal, o momento qual.

E os cachorros faziam cama pro espanto todo.

— e as velas? Perguntavam as crianças,

— É pra Nossa Senhora da Muda, diziam os pais.

A muda, sem passar pelo aval do papa, já havia sido canonizada.

E rezavam. Gente do céu, pensem num povo rezando para conter o vento que partia da muda. Quando ninguém acudia, o vento cortava a madrugada e as rezas seguiam se tapeando com os sentidos e as velas fumando a noite toda.

A situação era tão escabrosa que quando ventava mesmo, as crianças acreditavam menos do que acreditavam quando era a muda. Afinal, não tinha nem vela nem reza, daí não parecia vento, né? E assim ia se consumindo no esfumaçado do vilarejo uma das histórias mais pitorescas, em que as pessoas pareciam bater o queixo de medo toda vez que a muda subia as escadarias em direção ao púlpito sagrado.

Na fala dos mais antigos, com mais propriedade no caso, eles diziam que o coronel da cidade, o mesmo que tem o nome abraçado nas estátuas, havia tirado a virgindade da moça — mais na força do que no jeito — e quando, no dia do acontecido, ele se preparava pra ir embora a muda puxou ele pelo braço e sorrindo, com os cabelos desgrenhados, disse,

— de novo,

Imaginem o coronel que tinha a mania, garantida no histórico da família, de fazer tudo às escondidas pra não dar nos queixos. E, do nada, a muda dá com os dentes nas palavras.

Crein dios pai.

O coronel se atrapalhou todo, mas dum jeito, mas dum jeito mesmo, que os coco de baixo tilintaram nos buraco dos óio.

A muda ter falado, como nos contos do Decameron, deixou o coronel, que não conhecia Decameron, em polvorosa. O coronel depois, e isso é história contada pelos antigo, pediu para que a muda falasse de novo, chamando ela de impostora, disso e daquilo, mas a muda nunca mais disse uma palavra se queria, dava aquelas gargalhadas que batiam na alma do abençoado.

O coronel, calçado na sua sentença ou na sua alucinação, levou a muda até o médico da cidade — aquele médico de família de bem que até funciona em algum momento, mas quando o coronel precisa ele dá aqueles laudos bem sem vergonha nenhuma, fora das juntas —, levou para se certificar se ela poderia vir a falar ou não algum dia, e o médico, sem precisar de muito exame, respondeu:

— Sem chance, mudinha, de nascença.

O coronel, para tirar todas as dúvidas, levou num curandeiro, numa benzedeira, numa mulher que fazia massagem, numa cartomante, até, a contragosto, num pai de santo foi, e todos eles sentenciaram, cada qual

ao seu jeito, de que a muda era muda mesmo.

Quando o coronel achou que havia esgotado as alternativas, mas pensando em não correr o risco de se incomodar, deu dinheiro pra que ela pegasse as suas coisas e fosse embora da cidade.

E a muda foi. Mas um belo dia, tipo assim, umas catorze luas cheias depois, ela voltou. A partir daí, sem dar chance para o azar, como se fosse autenticado no corpo, uma vez por mês lá estava ela a uivar do alto das escadarias da igreja.

O coronel, nesse momento, que parecia mais demonstrar medo do que outra coisa qualquer, quando a saliva não passou pela goela, chamou os seus apóstolos, os doze empresários que marchavam junto na desgraça da cidade. Pense numa gente necrosada, eram eles. E fez uma reunião às pressas dando a incumbência, tipo compromisso mesmo, de que uma vez por mês um dos doze sem confiança tinha que dar um jeito de conter a muda.

E lá se ia no mês de março o dono da padaria. No mês de abril o dono da concessionária. No mês de maio o dono dos postos de combustível. E por aí vai. Por aí ia.

Era uma procissão para conter o vento.

Carcule.

Algumas pessoas na cidade perguntavam, mas por que o coronel, que já matou mais gente do que a quantidade de emprego que ele diz ter dado, já botou fogo na igreja e tudo mais, não mandou matar a muda ainda?

Os mais velhos, que não titubeavam na resposta, nesse caso, tinham mais que uma versão para a pergunta: uma parte deles dizia, e eram convictos, de que a muda havia hipnotizado o coronel, de que a muda tinha um pacto com o tinhoso; a outra metade, por sua vez, e se vocês quiserem emendar que era pacto com o tinhoso também ninguém ia dizer que não, dizia que o coronel não podia matá-la pois ela era filha

renegada do próprio pai do coronel, no caso, um outro coronel mais velho que era pai do coronel e assim seguia a luxúria dos mandos e desmandos da cidade.

Eita, que a gente vai remexendo nos fatos e o cheiro de estrume só aumenta, daí aquilo que parecia pequeno se transforma em uma coisa mais monstruosa, que nem história de cidade pequena.

E a muda, pra falar um pouco nela, que não era boba nem nada, sentava no conforto da falta das palavras e aos poucos se tornou exigente.

Quando o dono da floricultura vinha com botão de rosa, a muda só apontava com o dedo e dizia que não, e lá ia o dono da floricultura, que nunca se quer tinha dado uma flor pra esposa, buscar um ramallete de flores, mas das flores mais bonitas que tinha por lá, só para agradar a moçoila.

O certo é que com o passar do tempo as pessoas começaram a entender que era a muda que mandava na cidade. O prefeito, que era dono do frigorífico também, parecia prova viva de tudo isso: todos envelheciam, os velhos que já eram velhos no começo da história já estavam ainda mais velhos, e a muda permanecia jovem e exuberante.

Havia, pra ninguém duvidar do caso, aqueles que diziam que Chapecó era o único lugar do mundo em que a justiça não era cega, era muda.

O delegado queria enfrentar o problema e falava que se o coronel quisesse ele resolvia a seu modo aquela situação, mas o coronel pedia que o delegado não se envolvesse.

O fato é que o tempo foi passando e a partir de um momento da história a muda parece que deixou de existir, se mataram, se morreu, ou se foi embora por conta própria, ninguém sabe. E se a muda uivava ou não, isso já não tinha mais a mínima importância, pois parecia que o vento já estava no imaginário da cidade.

Bastava ter lua cheia e os mais velhos, encardido da memória, acendiam as velas, começavam a rezar e diziam, escuta? Tão ouvindo? É a muda.

E o mais engraçado é que a desculpa de conter a muda, ou de manter a cidade calada, de ninguém abrir a boca pra falar da sujeirada que desde os primórdios acompanha a história do município, era a que mantinha a cidade às escuras, na moita, às escondidas, sempre à luz de vela.

Tinha aqueles que diziam que a história da muda era uma invenção dos mais antigos para justificarem as desgraças da perpétua insignificância. Os mais velhos, sem encardimento nenhum, diziam que foi a desgraça do coronel, e seus maus feitos, que criaram a muda.

O fato é que acreditem ou não, a muda sempre existiu. Disso eu garanto. Nem passe pela cabeça de vocês ter algum tipo de dúvida. E hoje, quando vocês forem pra casa, e se for lua cheia, se cuidem que a muda pode estar andando por aí com um agrado de um dos donos da cidade.

Sei que me estendi no caso, e sei ainda que alguém da velha guarda da cidade, já que o assunto é esse, pode perguntar sobre o mudo, no caso, o Roberto Carlos Benga Longa. Pois bem, o mudo, sim, o mudo é uma delícia de encanto e charme no apetite noturno que movimentava o imaginário, no caso, precisamente, assim de necessidade, das damas da sociedade. Mas mesmo que o assunto passe perto, assim, bem pertinho, essa já é outra história, que daí eu deixo pra contar na próxima.

E pra fechar o caso, assim, fechado mesmo, só tenho uma coisa pra dizer:

Pessoal, olha o vento. ☾

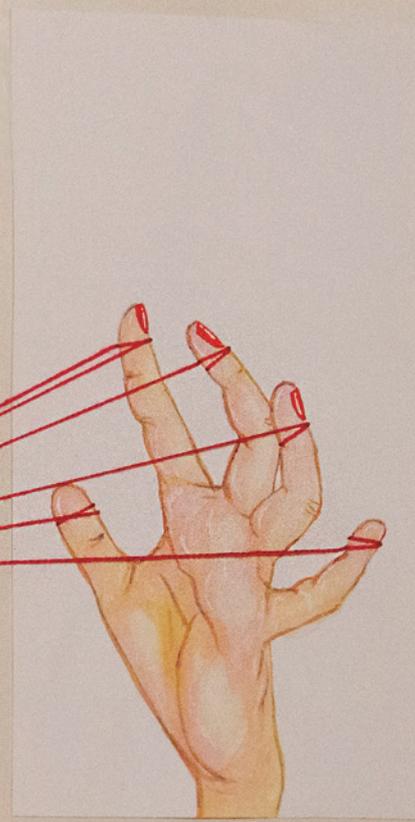


*Ilustração de Marina Izidoro.
Florianópolis-SC, 2021.*

Nem lua, nem estrelas

Marina Izidoro. (2002 -) Nasceu em Florianópolis e cursa História. Não escreve textos literários frequentemente, mas se diverte na brincadeira!

Quando eu não tenho nada pra fazer, vou na sacada olhar para as coisas e para as pessoas, pegar vento ou sol, em dias de sorte, vento e sol. Uma noite, enquanto comia morangos congelados, fui ver se achava a lua ou alguma estrela no céu. Nada. Não desisti de procurar, me contorci para fora da sacada, tentei ampliar ao máximo meu campo de visão entre os prédios. Foi nessa hora que, lá embaixo na rua, passou um cara, não muito mais velho que eu, olhando para o céu. Ele olhou para mim confuso, eu retribui o olhar, retomei minha busca virando o rosto para cima e ele fez o mesmo. Senti que viramos amigos ali. Ele não estava procurando estrelas, mas estava procurando qualquer coisa que achou que eu estivesse vendo. Um fantasma? Um sinal alienígena, quem sabe. Às vezes o ser humano é muito bonitinho. ☾



PAULA SCHLINDWEIN - FEB/2016

Adriana Leal Brum Silva. (1970 -) Pedagoga.

A escrita sempre esteve presente em sua vida, nas brincadeiras de criança, nos diários de adolescente, no meio acadêmico e na formação profissional. Seja para registrar, planejar, pesquisar, expressar emoções, criar e como motivação para fazer outras coisas. Publica textos em seu blog: adricronizando.blogspot.com

Verbo

*Aquarela e bordado sobre papel, 2016, por
Paula Schindwein.*

As palavras pipocam

“... não somos apenas levados à revelia numa torrente.

Somos participantes”.

Lya Luft

AS PALAVRAS PARECEM QUE SALTAM DA NOSSA LÍNGUA e ficam pulando de boca em boca porque, quando menos esperamos, algumas expressões aderem ao repertório cultural dos ditos e escritos.

Já faz algum tempo, que percebo circular, tanto na língua falada como na escrita, palavras que se movimentam de uma forma diferente dependendo do contexto em que são usadas. Recordo-me dos termos “sextar”, “turistar” e “prefeitar”, entre outros. Certamente que poderíamos encontrar outras expressões utilizadas nas propagandas, nas redes sociais ou em nosso meio que indicam mudanças na forma de falar e de escrever.

Então, a meu ver, os vocábulos estão ficando cada vez mais despojados, como é o caso do emprego dos substantivos que vêm ganhando uma roupagem nova. Desse modo a linguagem, como veículo de comunicação, parece se mostrar à vontade para que os falantes do português brasileiro possam (re)criar outras possibilidades de fala e de escrita.

Com isso, a língua parece ficar mais democrática, dando uma prova de que pode ser re(nova)da a todo instante sem ferir a forma mais prestigiada. Basta que os usuários de nosso idioma compartilhem o vocabulário usual como se fosse um divertido jogo de palavras, empregando-o com clareza nos diferentes gêneros, suportes e finalidades.

Então podemos nos apoderar também desses “palavreados” reinventados que pipocam nas telas da TV, nas telas digitais e em nossas telas mentais. Por que não?

Dessa forma, o contraste da linguagem formal e informal que chega aos nossos ouvidos e olhos revela a riqueza (e a beleza) do português brasileiro oriundo da influência do indígena, do africano, do branco português e de tantos outros imigrantes que aqui chegaram. Sem falar nas variedades regionais e sociais imersas no linguajar do povo brasileiro. Tudo isso é fantástico!!! ☛



Plein air nos Ingleses

Foto de Ítalo Mendonça.

Florianópolis-SC, 2019.

Diário de um artista em formação

Ítalo Mendonça. (1986 -) *Designer, 35 anos.*

Escreve para meditar sobre arte, cultura e os dilemas da vida.

www.italomen.com.br

PRÓLOGO

UM TEMPO ATRÁS, escutei um relato de um escritor que praticava um exercício inusitado para escrever melhor: *pintar*.

À primeira vista, não parece haver relação entre as duas atividades (escrita e pintura), mas o argumento seguinte me convenceu. A pintura, disse o escritor, sensibiliza o olhar para ‘nuances’ de cores, formas, temperaturas, contrastes e composições. Essas noções ampliam significativamente o repertório de descrição de uma cena e de uma personagem e logo passei a entender que escrever é, também, pintar com palavras um cenário invisível. Uma imagem poética tem suas semelhanças com a pintura, e o inverso também se aplica. O pintor pode beber na fonte da poesia para buscar a inspiração criativa.

Depois desta despreziosa recomendação que achei por acaso no *Youtube*, acabei iniciando meu percurso na pintura e, dos registros que fiz em meu diário artístico, a anotação a seguir ganhou corpo. Dedico-a aos leitores interessados em aventurar-se no mundo das telas e pincéis.



17 de outubro de 2021, Florianópolis/SC

ALGUMAS QUESTÕES têm me consumido ultimamente: por que as pessoas ainda compram pinturas de paisagem e retrato na era da foto digital? Devo pintar para minha satisfação ou para agradecer outra pessoa? Se o trabalho não é uma encomenda, por que alguém compraria algo que diz mais da minha subjetividade do que da dela? Por que uma pessoa se interessaria pela pintura de um lugar ou pessoa que ela não conheceu pessoalmente?

A resposta que encontro com frequência é: “as pessoas compram pintura porque é BONITA para elas”. Simples, porém misterioso. Não vou entrar no mérito do que é bonito ou feio — outros artistas, escritores e filósofos já desenvolveram o tema com mais destreza — mas vou usar a noção geral da Beleza como ponto de partida para a investigação das questões que listei.

Makoto Fujimura, pintor e escritor, ao ser questionado sobre que conselho daria a um jovem artista em formação, respondeu: “desenvolva seu pequeno pedaço de expressão”. Com isso ele quis dizer para cultivarmos aquilo que fazemos com uma qualidade acima da média. Uma pincelada característica, uma destreza específica com algum material, o conhecimento aprofundado de um determinado tema... E por aí vai. Na sequência, o Makoto diz que a partir dos nossos “gifts” (pequenos pedaços de talento) é possível sair do modo competitivo e julgador e acessar nosso estado mais autêntico de criação. É daí que brotarão os melhores frutos da nossa arte, e neles a Beleza poderá ser contemplada.

A bela obra acaba sendo um lembrete de algo que a transcende: o mistério da existência do universo, o milagre da vida, a pessoa amada, um momento de felicidade, a calma interior que nem sempre conseguimos

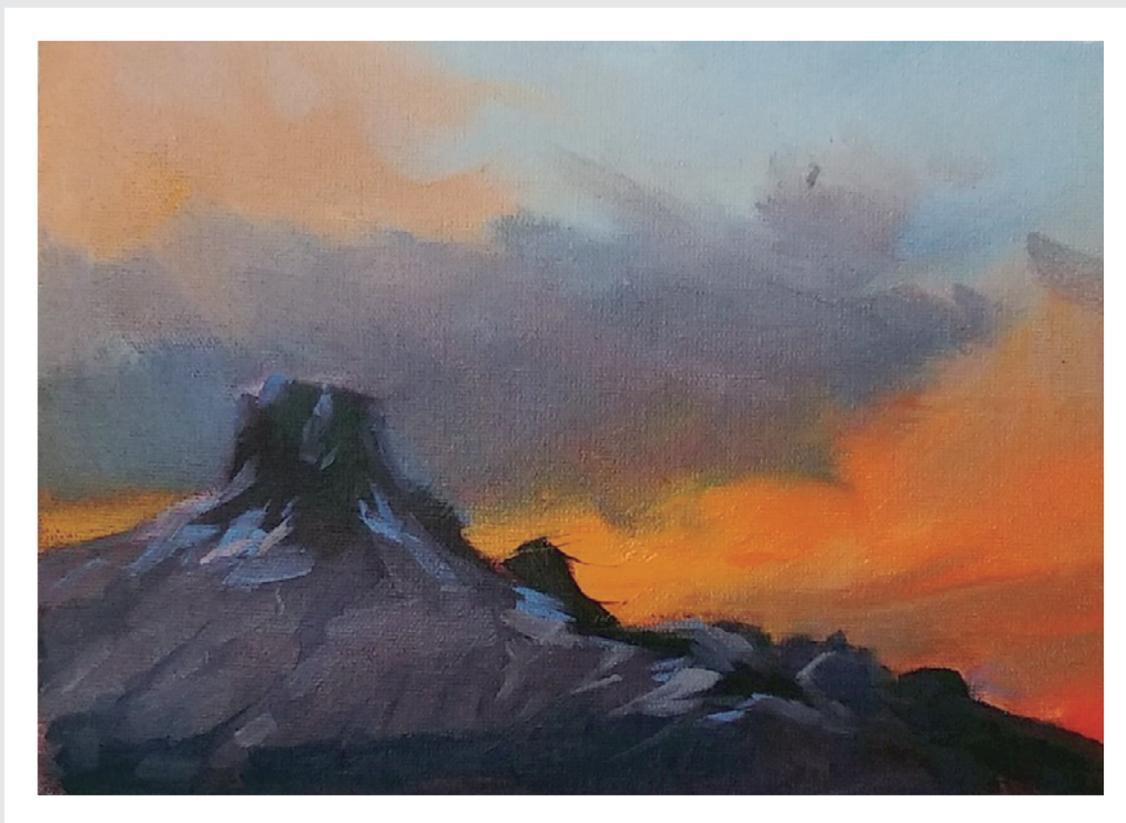
acessar... Esses são os lembretes que uma bela pintura proporciona. Como seres humanos, tendemos a buscar essas sensações puras e, ao mesmo tempo, intensas. É como se só assim pudéssemos entrar em contato com quem realmente somos.

Um pôr-do-sol, com feixes avermelhados, formando um *céu de milagre* rosa, coberto com um imenso algodão-doce voador de bordas alaranjadas, transformando o morro em uma gigantesca esmeralda com raspas de ouro, regido por uma sinfonia de pássaros, temperado com uma brisa salgada, nos braços da pessoa amada. Sempre que vivencio uma cena assim o impacto é imediato. Uma calma e um deslumbramento tomam conta do meu peito e as preocupações que me afligiam momentos antes parecem irrelevantes. Esse breve espetáculo acontece desde que o mundo é mundo, mas cada vez que tais cores, sons e cheiros se mesclam no entardecer, me sinto parte de um todo colossal e milenar, e passo a ser uma gota no oceano. Entendo que o ofício do pintor é traduzir em pinceladas a essência desse tipo de experiência mágica.

Nem todos estão conscientes da intenção do autor quando adquirem ou contemplam uma pintura. E talvez essa percepção sutil seja uma habilidade específica do artista. O público não precisa ter essa sensibilidade contemplativa para usufruir da obra do pintor. E não é um demérito para o artista se sua obra for adquirida por alguém que a escolheu por harmonizar com os tons da cortina e do sofá do ambiente onde será pendurado. Isso quando a motivação não for mais singela: tapar uma rachadura na parede, esconder um cofre ou até preencher uma parede para não ter a sensação de casa vazia. Na verdade, o que vai ser feito com a obra já não é mais da conta do artista.

Até agora a investigação das questões iniciais parecem convergir para o mesmo ponto: **o que gera interesse nas pessoas é o que é bonito. Qualquer coisa bonita.** Mas como saber se cheguei lá? Bom, um sinal inequívoco de que agradei será quando pedirem a obra ou oferecerem dinheiro por ela. E mesmo que não ofereçam dinheiro, o próprio artista sabe quando criou algo belo. Talvez só isso baste. O que vier depois é lucro, pois é dessa fonte de Beleza que floresce o que

tem de melhor em mim. Desse “pequeno pedaço de talento” pulsa a vida que alimenta o coração de pessoas que, talvez, jamais verei pessoalmente. Que eu possa capturar este fugidivo ponto luminoso dentro de mim para usá-lo como lanterna na densa floresta pela qual todo artista precisa atravessar para amadurecer. E que minhas pinturas sirvam como janelas atemporais para aqueles que sabem que a tela esconde mistérios de tempos imemoriais. ☾



Céu de Fogo

Pintura em óleo de Ítalo Mendonça. Florianópolis-SC, 2021.

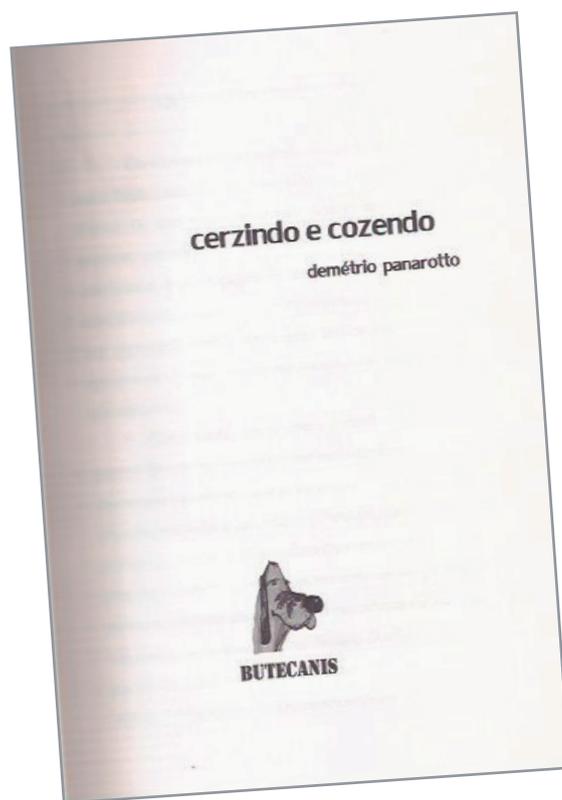
Resenha

Uma poesia de substância: Sobre Cerzindo e Cozendo do Demétrio Panarotto

Ibriela Bianca Sevilha. (1980-) *Natural de Chapecó, é Doutora em Literatura, professora e pesquisadora independente de literatura brasileira contemporânea. Atua em projetos culturais ligados ao incentivo à leitura, performance poética e leitura dramática. Publicou seu livro solo de poemas Mínimo Tratado da Paixão (Urutau) em 2021; acredita no poder da palavra e que saber ler o texto velado de um poema é (poder) desvendar os enigmas da vida cotidiana.*

CERZIR É REMENDAR, reunir com pontos imperceptíveis, de modo a combinar retalhos com destreza tal que nem pareça arrumação de um tecido arruinado. Um texto é também, pela força da etimologia (*texere* lat.) uma “coisa tecida”. Não se trata de emendas, e passa ao largo de um Kintsugi, o ouro não há de fechar as frestas; as frinchas permanecem sóbrias porque sustentam o erótico. A costura da qual se faz o livro do Demétrio tem mais a ver com uma mistura de corpos, e no limite, um canibalismo literário. Já de início, o puteiro-biblioteca ou a biblioteca-puteiro está posta como moldura, ou (para seguir a ideia de pano), como o crochê nas bordas, um acabamento dentro do qual podemos ler o verso como recompensa na correria da catarina, dona do puteiro.

Lemos nos paratextos que o livro foi “feito à facção”, atos dos editores que parece por de mais rude para a tessitura das **sedas** do puteiro da catarina. Não é porque



ela anda tensa “com o cu na nuca e a boceta no dedão do pé” que abre mão das delicadezas: “no quarto da madame clo’aca/nem café nem cafezinho cafetina/decoração luiz xv/cor carmin naná (...)”. Ela bota ordem na biblioteca para que nós, os leitores, leiteiros, entremos na “vida seminua” do corpo do texto, já velho e carcomido pela leitura.

O texto é **rendado**, ponto a ponto, num encadeamento musical das palavras. Nele cabe até o padre em batina passando e benzendo a merda abundante, boccaccio de língua solta, calvino errando alvo e, enquanto o deus agon segura os segundos, os participantes pendurados fazem sexo – encaixe, costura –. Além da sonoridade de uma música de baile, coisa que fia o fino **tule** do texto, a forma dos poemas “no puteiro” segue um padrão marcado no pano da página: os ímpares em verso e os pares, em prosa, em 16 poemas formam, em transparência, um puteiro-musical-poesia, puteiro-biblioteca-perdição onde “calcinhas penduradas nas espingardas” são souvenir, onde os “versos se

comem” sempre que podem, por de trás das cortinas que fecham a putaria.

O “café com boceta”, parte seguinte à “no puteiro”, parece composto de episódios apresentados nos poemas em prosa, cujos intervalos são os poemas em verso. Apresenta aí um outro padrão de tessitura. Aí a boceta na xícara de café se mostra como um fetiche, um afrodisíaco convite para o gozo. Então, o texto como bordados – para não perder de vista o fio da meada –, fala dos fetiches dele que ela despreza, tão erótico é o desprezo quanto a transparência que cobre o fetiche. Aquilo que se derrete depois da transa, uma perda de atenção é conflito do próprio corpo.

Mas, para além de um fetiche que se mostra através das transparências do texto-tecido-bordado, lemos aí a provocação posta em evidência que é uma proposta do poeta como bufão e do poema como bosta. Poema vindo das entranhas, digestão da antropofagia linguístico-poética que começa no puteiro da “véia catarina”:

“não sabiam o que comiam, mas comiam, empanturravam-se, vomitavam, e comiam de novo. legislador, de qualquer monta, ponta ou importância, no puteiro que segue, é um bicho nojento. devemos castrar quem legisla e servir os nacos de carne ao povo em um grande banquete à tupinambá.” (poema VIII de “Café com boceta”)

Nesse banquete à la Saló tropical, oferecido no puteiro da catarina, obscena é a classe política.

Vestida de espartilho vermelho, madre paulina dança uma polca paraguaia, mas recusa os quitutes lascivos e os jogos devassos. O puteiro se revela um lugar potencialmente democrático; aí todo tipo de possível disfarce vira *chiffon*, todas as fantasias se revelam, não há lugar para os panos rotos da moral ou da hipocrisia.



O erotismo da poesia de Panarotto é revelador.

Finda a putaria, as luzes são acesas, mas, como “todo protocolo é autoritário”, vale investir no sem sentido de uma matança encabeçada por Jesus. A última parte do livro de Demétrio, “Blasfêmia”, começa com o assombro diante do sem sentido; até a puta “véia” está incrédula com a situação de extrema idiotização do que acontece fora dos limites de seu puteiro. A ela é concedida a única porção de bom senso, ela de tudo sabe, de tudo chacota, ela tem o controle sobre a classe política que se refestela em seus bacanais.

O fino insulto tecido pelo poeta, não à puta que é pareira, mas à classe política e às instituições de poder (universidade e Estado), revelam a peleia no pelo do poeta, no couro do corpo do texto que é o tecido mais rude, posto na rua lugar onde se “defende o próprio couro”, o próprio texto.

Se o cerzir delinea a forma e a sonoridade do conjunto, o ato de cozer o cozido no aqui e agora há de propor ao leitor uma incursão por outros sentidos com os quais encontramos, na razão do sem razão, no gasto excessivo do erótico em ação, no ato mesmo de comer o cozido nas palavras bem temperadas da poesia de Panarotto, a partilha desse pão que o diabo amassou – e por isso irresistível até aos celíacos. Quero dizer que uma poesia irresistível não se faz somente com belas formas e ricas sonoridades, mas também, e necessariamente, com a substância do cozido. Porque a linguagem comunica, sim, certas conclusões e convicções do poeta e sua poesia bem cozida e bem cosida revelam tudo que se passa nesse puteiro que até arriscamos conhecer muito bem. ◀

Cerzindo e Cozendo, de Demétrio Panarotto, é uma publicação artesanal da Ed. Butecanis em 2020.

Poemas & Formas Livres

Foto de Ricardo Laf.



Sérgio Fantini. (1961 -) BH/MG publicou fanzines, poemas, contos e romances; realizou eventos e deu oficinas de criação. Em 2022 continua fazendo as mesmas coisas.

A ponto de explodir

*À maneira de Allen Ginsberg
(lendo Nova York, a vida na cidade grande, de Will Eisner)*

Cidade grande enorme cidade que me sufoca e me
alimenta e me respira te amo

Vindo de campos onde lendas brotam e cantam e se
matam sabiás e outras aves canalhas

Aqui estou pulha pronto para me entregar e te levar
comigo se for o caso

Raspando as unhas sujas em tua pele de cimento e
asfalto cobrindo tuas veias

Cloacas onde corre teu sangue de esgoto dejetos e
restos humanos

Animais metálicos vivem à tua sombra e morrem e
ressuscitam em modelos do ano

Penetro-te ávido lubrifico cidade pelos bueiros e túneis
e estações de metrô

Me enrosco nos teus braços postes que me sufocam
como teu hálito

Bafo de carbono ardendo contaminando meus
ressequidos pulmões manchados

Cidade suicida mirando o vazio escuro do cano da arma
e te amo

Cegado pela luz de teus olhos janelas neóns luzes
fluorescendo brilhos na noite

Sorrindo azedo macabro marcado pelo bom humor de
teus domingos de sol

Contaminado pela fúria estática de teus infindáveis
engarrafamentos

Me desmilinguindo dentro dos ônibus espremido por
operários terminais

Bebendo a última gota de teus sumos no deserto dos
córregos poluídos

Vai ver grande cidade onde perdi meus anéis meu
dinheiro minhas chaves minhas armas

Meu tesouro onde perdi meu amor-próprio meu ódio
minhas combalidas esperanças

Nas escadarias de teus prédios públicos nos pórticos
de teus palácios adros de igrejas

Estou chutando sacos de lixo degraus pedras tampinhas
hidrantes tapumes

Entretanto estou alerta revelações a varejo se
oferecem de relance nas esquinas

*Não precisamos de nada na verdade cidade verdade
sim mas onde ela se escondeu*

Estou correndo atrás dela atrás da privacidade perdido
em labirintos de repartições

Ouçõ tua música guinchos estrondos urros batidas
marteleto betoneiras gritos de socorro

Derrapagens e vou lambendo sem calma a
maquiagem spray de teu rosto muros

Descobrimo mensagens ocultas sob pichações
cartazes letreiros de publicidade

Evocando o velho bairro onde cresci onde deformei o
que poderia ainda haver de humano

Em mim em ti cidade iluminações que mostrariam
caminhos possíveis

Mas teu nome é inviabilidade a única opção é me
refazer a cada segundo

Redesenhando o futuro perdido na porta de incêndio
que estava sempre trancada

Revendo meu rosto nossos rostos agora apenas
risíveis caricaturas

Daquilo que você havia nos prometido cidade antes de
crescer tanto assim

Não temos mais os velhos jogos de rua a sacanagem
nas sombras na neblina

Perdemos todos os dentes que sorriam quebrados
pelas porradas de realidades

A inocência de quem acreditava que sobreviveria se o sinal
aberto

Mas todos vermelhos até as estrelas até o raio de lua
no fim becos sem saída

Também já não há nem o calor e a camada de ozônio
tem nos preocupado bastante

Estamos observando pelas frestas da cortina pelas
trincas na parede pela grade dos ralos

Movimento suspeito no bar da frente palavra suspeito
não tem sentido

Tudo estranho a nós agora faces deformadas nos
perguntam horas

Seres pouco humanos abordam oferecem produtos
ocultos em embalagens vencidas

*Não precisamos de nada na verdade cidade verdade
sim mas onde ela se escondeu*

Nos supermercados são assassinados homens pretos
preços acima da tabela e não queremos comprar nada

Academias de tortura expelindo músculos e corpos
modelados para o sacrifício

Putas achando a felicidade no abraço de amantes
desesperados

Testemunhas oculares virando presunto na região hospitalar

Sirenes ensurdecem pardais neuróticos fulminados em lotes
vagos

Crianças por que por que intuindo aparições no fundo dos
quintais

Répteis famintos preparando o menu nas latas de lixo da
prefeitura

Serviçais enchendo as calçadas dos bairros ricos de desperdício
e desprezo

Técnicos planejando melhor o dia a semana o mês do
congestionamento

Bordéis transformados em praças e bibliotecas onde se
escondem

Igrejas que já foram cinemas repetindo os velhos
filmes da religião

Prediozinhos bonitinhos tremendo de frio na constipação dos
tijolos

A casca da serra amparada por andaimes que ameaçam cair
em vãos

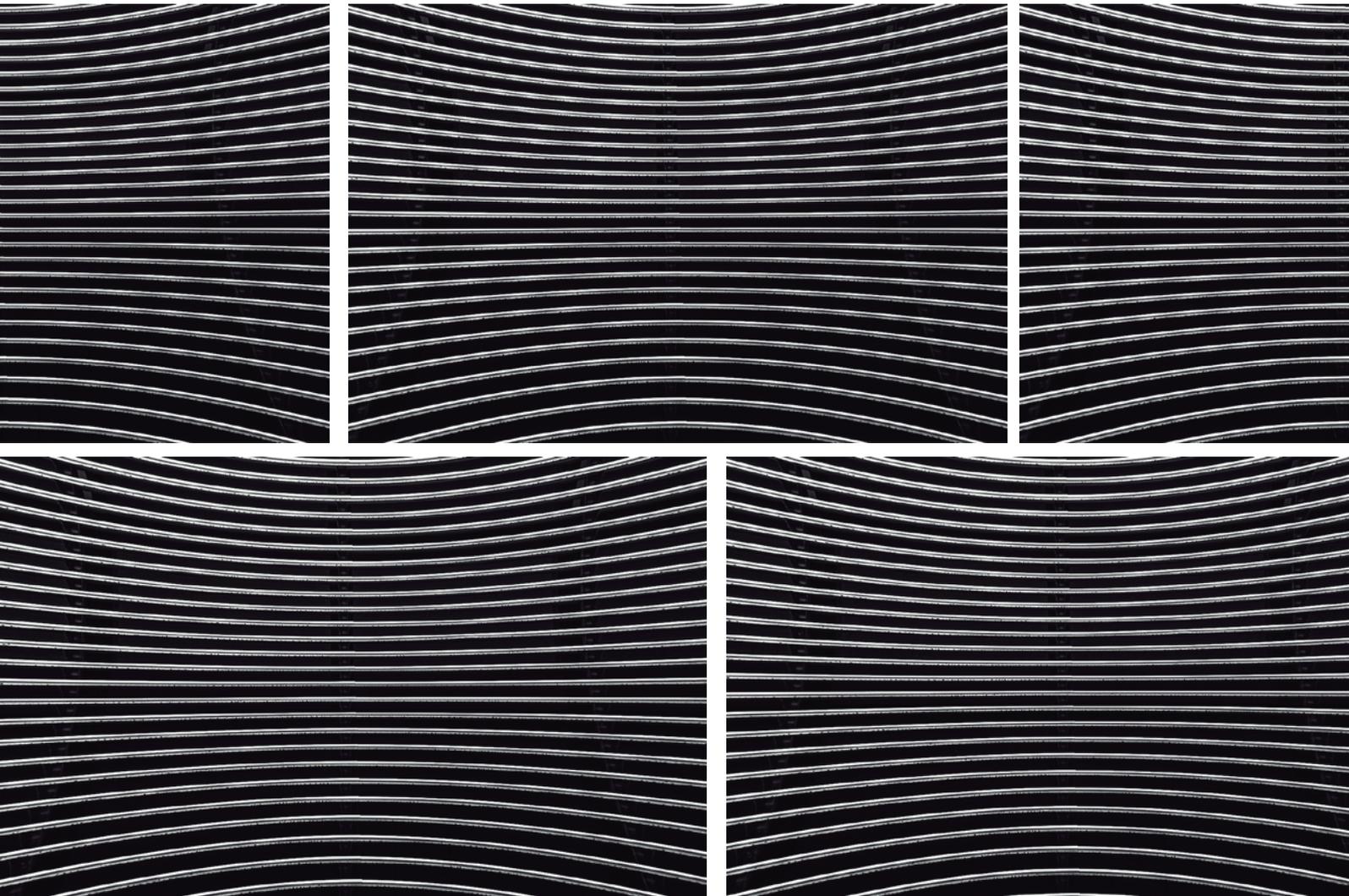
Carros de bombeiros caminhões de mudança cães ainda mais
perdidos

Orelhões e celulares disputando a audiência dos pedestres
incomunicáveis

Não há mais nenhuma comunicação entre nós cidade me
esqueça te esqueço

*Não precisamos de nada na verdade cidade verdade
sim mas onde ela se escondeu ☹*

Foto de Ricardo Laf.







Notas para um diário: uma canceriana com câncer (na pandemia)

Simone Schmidt. (1960 -) *Natural de Porto Alegre, vive em Florianópolis há quase trinta anos, apaixonada pela ilha. É mãe de Clara e Cecília. Professora aposentada da UFSC, segue trabalhando com a literatura, o feminismo e a África, seus outros lugares de morada.*

*A paz fez um mar na revolução
Invadiu meu destino
A paz
Como aquela grande explosão
Uma bomba sobre o Japão
Fez nascer um Japão da paz*

1. Essa doença?

É para os outros...
Pra mim? nãooo!

Seu diagnóstico “deu ruim”. A senhora tem um carcinoma lobular invasor pleomórfico na mama esquerda. Precisa operar com urgência. Não, eu não opero. Indico outro profissional. Não, ele não tem Unimed.

A doutora tem horário para atendimento pela Unimed no ano que vem. Antes? Não, infelizmente. O doutor não atende pela Unimed. A doutora não tem horário. Sinto muito. Sin-to-mui-to.

Bordado à mão com fios de algodão.

200 x 145 cm.

Mar. 2019 - Dez. 2020.

Paula Schlindwein

2. Até aqui, eu

Até aqui eu vivi do lado da força. Dos que enfrentam e matam um leão a cada dia. Dos que acordam pra conquistar o mundo. Dos felizes. De repente vem a roda viva e arrasta tudo pra outro lugar. *Take a walk on the wild side, honey*. E tudo que eu sabia não sei mais, e tudo se vira de pernas pro ar. E me vejo perto de tudo que não conhecia, sequer suspeitava. E sinto uma misericórdia imensa, uma dura e profunda solidariedade com os fracos, os que coxeiam pelas ruas, que por elas arrastam suas dores, os velhinhos, os doentes. Sinto amor e compaixão, em meio à terra devastada. Senhoras e senhores, trago boas novas: não sou mais imortal. De repente descubro o lado fundo da vida. Bem-vindos ao lado selvagem.

3. Vem cá, Luíza

Me dá tua mão. Me dá tua casa. Me dá teu colo. Cuida de mim, estou confusa e tenho medo. Estás aqui. Me ampara.

4. Hey, brothers!

Pois acho que desde os meus dezoito anos nós não morávamos juntos. Claro que dividimos, nestes muitos anos, casas, viagens, momentos incríveis... Mas morar, morar, repartir a vida diária, isso tinha ficado no passado, lá longe... E eis que nosso convívio ressurgiu assim, com um pouco de gosto de infância e adolescência, apesar do momento estranhíssimo que vivemos. E meu querido irmão, o melhor, tem sido, além do amigo de vida toda, também o meu médico particular, motorista e faz-tudo! (quem cozinha é o cunhado, que é também meu irmão, verdadeiramente). A minha parte nas tarefas é comer e dormir. Não está mal...

Como agradecer o tanto que tenho recebido, desses presentes da vida que jamais esquecemos?

Apesar dos tempos de medo e desamparo que atravessamos, vocês têm sido, irmãos, minha âncora firme, e nosso convívio aqui dentro desta pequena e carinhosa bolha, essa em que estamos os três mergulhados há tantos meses, vou guardar pra sempre no coração.

5. Neutropenia febril

Ao tomar banho quase desmaio. Tenho febre. Me sinto fraca. Vou resistir?

6. Tardes de sol

[Eram três irmãs, minha mãe e minhas tias. Cresci cercada por elas, essas mulheres fortes. O que sou, aprendi a ser com elas. As mais velhas já se foram. É o amor que tenho pelas três irmãs que me diz quem eu sou].

Ela me busca de carro. Ela e a sua labradora, que esbanja alegria. Vamos ao parque tomar sol. Máscara e álcool gel, sempre; estou fraca, cabelo não tenho mais, não posso me expor, preciso proteger a pele, o corpo, o pensamento. Ela também tem suas dores para curar. Mas o sol e o amor da cachorra alegríssima enchem nossa tarde do melhor que a vida ainda pode nos dar. São elas que me dão o sol, minha tia e sua labradora, e eu respiro.

7. Aniversário

Fazer sessenta anos é uma tremenda responsabilidade. É um acerto de contas com a vida. Momento onde ecoam todas as perguntas fundamentais: quem



*Tecido de algodão, tingido naturalmente
com casca de cebola, açafrão e semente de
abacate. Impressão botânica com flores.*

Paula Schlindwein

sou, quem me tornei, o que fiz do que me deram e do que me tiraram. Perguntas a exigir respostas. Apesar de tudo, sinto uma imensa calma. Cheguei até aqui. Do alto dos sessenta, contemplo quem fui e quem sou. Aceito o desafio das perguntas, sem medo delas. E chegando aqui em cima, no alto onde me encontro, consigo ver melhor o quanto vale a vida. E ela vale cada segundo.

Quando olho pra trás, vejo que aos vinte anos, mais ou menos, desenhei pra mim a vida que desejava: queria ser intelectual, queria ser livre, ser uma mulher feminista, ser de esquerda. Desenhei e me joguei. Fui tudo isso, e hoje é isso que sou. No meio do caminho, tive a maravilhosa coragem de ter duas filhas, que deram alegria e sentido a tudo. Construí uma carreira na universidade, que segue se reinventando, quando

tento agora que ela seja mais leve e menos dura, sem deixar de ser a paixão que me move. Me despedi dos meus mais-velhos queridos; vivi três amores e dois casamentos, que já terminaram.

Acerto de contas e uma encruzilhada: daqui de onde estou, vou em frente, não sei bem para onde. Enfrento a pandemia, o isolamento e um câncer. O medo, a distância, a saudade, a incerteza. Mas existir um futuro e a promessa de muitos dias, comuns, de sol, de estar viva, me deixa completamente esperançosa e feliz. Então, nesse futuro que desejo, depois de ter ido ao inferno e voltado algumas vezes, vou poder caminhar, aquecer minha pele no calor, cantar, abraçar minhas filhas, ir ao encontro do mar, com sorte encontrar as pessoas que amo, tomar café, conversar, esticar o corpo como um bicho se espreguiça depois da longa

hibernação. Até lá, sou grata pra sempre aos que agora me acolhem e estão comigo, me cuidando e me dando seu amor. Logo logo a vida retorna, e estarei de volta, mas não a mesma, na plenitude dos sessenta.

8. Escadas abaixo

Quando ela desabou mil degraus abaixo no metrô, partiu mil pedacinhos do seu corpo e eu desesperei. Estávamos sozinhas num país onde ninguém nos entendia, onde não entendíamos ninguém; foi um desafio quase maior que nós. Sobrevivemos, voltamos. Agora sou eu que despenco muito muito muito abaixo. Ela me dá a mão e lá vamos nós de novo, decifrar esse novo enigma, flertando com a morte mais uma vez. Vamos juntas. Torres fica logo ali.

9. Última sessão de quimioterapia

Última descida ao inferno.
Caprichosa descida.
Eurídice sem Orfeu,
vou tentar sozinha e trôpega o lento retorno.

10. Pelas redes

A solidariedade escorre pelo whatsapp. Minha prima, os primos, a amiga da vida inteira, os amigos. As *línguas feministas*, todo dia. Me sinto acompanhada, menos só do que nunca, porque estão comigo.

11. Fim da quimio

São pequenas vitórias todos os dias. Vencer um mal-estar, conseguir beber água, conseguir cumprir o prazo de um trabalho, um pouquinho a cada dia, todo

dia. Mas hoje foi diferente. Quando fui saudada pela equipe de enfermagem da Unimed-Poa porque cumpri a última sessão do tratamento de quimioterapia, me senti, pela primeira vez nesses longos meses, vivendo uma verdadeira e grande Vitória. Ainda muitas etapas me aguardam, mas hoje é só pra comemorar.

12. Filhas

Quando acordo da cirurgia, ali está ela, do meu lado. Mãos de seda, mãos de fada, apertam meu braço e aliviam a dor. Ela me cuida, me banha, faz curativos, dorme ao meu lado e se preocupa comigo. Não sei onde este tempo todo guardou tanta doçura. Só sei que guardou, e me trouxe como um presente.

13. Filhas (e um filho também)

Eles enfeitam a casa com balões pra me receber. O amor transforma o tratamento e o reencontro numa espécie de festa. Vamos juntas todo dia a caminho do hospital, braços dados como duas comadres, em longas conversas e caminhadas, a sombrinha a nos proteger do sol. Abençoadas companhias.

14. Muda o cenário

Na casa do ex vejo fotos onde não estou. Encontro livros, discos, filmes, livros, livros, livros. Durmo na biblioteca. Tudo me é estranho, e tudo me é tão familiar na casa do ex.

15. Sete mulheres

Todo domingo, no horário do Fantástico, lá estamos nós, sete mulheres dividindo a tela. Elas perguntam tudo, querem saber tudo, dão milhões de palpites,

conselhos, oram, abençoam, protegem, emocionam. Amigas.

16. Eis que depois de um longo e tenebroso inverno

O tratamento termina aqui; é pra celebrar. Seguem os cuidados, medicação, cirurgia próxima, etc, etc. Mas o tratamento, aquele pesadão, termina aqui. Estou voltando em breve pra casa, muito bem tratada, depois de um longo ano de angústias, hospitais, consultórios, laboratórios, pandemia, quarentena, medo, agulhas, médicos, enfermeiras e o escambau. Se não fosse o amor e o cuidado da minha família, a atenção e o carinho dos amigos, nem sei se conseguiria. Mas estou aqui, viva! E cheia de planos. Quero viver mais 100 anos, que os deuses me ajudem, e me dêem a graça de, como disse Rita Lee, fazer ainda um monte de gente feliz.

17. Quase um ano depois

A pandemia continua, a vida segue. Ainda estamos todos confinados, receosos, intimidados. Desaprendemos quase a conviver. Ansiamos por uma saída, esperamos uma salvação que só virá de nós mesmos, já sabemos, porque o governo nos abandonou e quer nos matar (*mas a gente combinamos de não morrer*). De minha parte, me sinto muito mais forte, ganhei uma gata pra chamar de neta, cultivo plantas, trabalho em casa como todos (os privilegiados) que podem trabalhar em casa. Ainda mil cuidados e tratamentos dominam meu tempo e definem meus dias. Tomo em média 15 comprimidos diários e sou conhecida nas farmácias do bairro (quando penso nisso, sinto que virei minha mãe). Mas a vida, essa mesma, é o que temos pra hoje. E apesar de tudo, depois de sobreviver, ela ganhou um sabor... ☪



Impressão botânica com flores e folhas de
côsmos, folhas de gerânio e quaresmeira.

Bordado manual com fios de algodão sobre
linho. Paula Schlindwein. 2021

Carlos Augusto - “Cacá”. (1958 -) *Nasceu em Itapirapuã - Goiás, mas vive em Taguatinga - DF . É autor dos livros **Fadas Guerreiras** (poesia) e **Máscaras** (contos). Desde 1998, interpreta poemas em feiras, bares, teatros, cafés, bibliotecas, escolas, praças e mobilizações de trabalhadores. Seus poemas abordam a mulher, o desejo e questões sociais sempre com delicadeza e crítica. Site do escritor: www.caca.art.br*

Convida os leitores com o seguinte poema:

*Vem comigo, vem pra dentro.
Veja o que há de ti em mim.
Abra a porta que eu entro.
Sento à mesa, como e falo.
Quando quiser pôr o fim,
Feche o livro e eu me calo.*



Estrela Esquisita

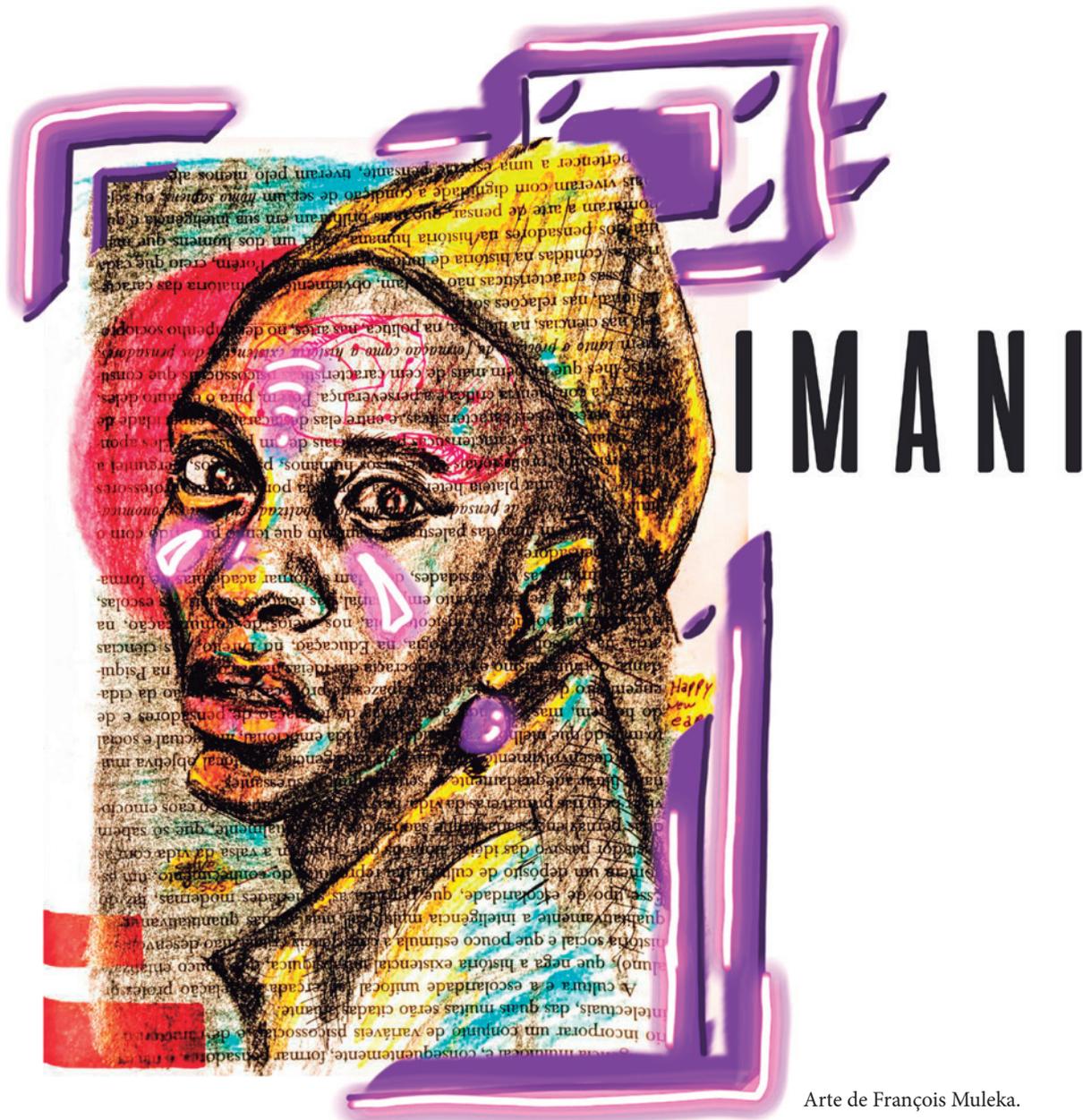
Lá na imensidão do céu
havia uma estrela esquisita.
Não que lhe faltasse brilho
ou que não fosse bonita.

Ela até brilhava muito.
Talvez até por engano,
pois já havia morrido
e havia milhões de anos.

A milhões de anos luz,
mesmo depois de apagada,
mesmo assim ela insistia
sinalizando a estrada.

E eu, daqui da minha porta,
passava horas a vê-la.
Como brilha, se está morta?
Vai entender as estrelas. ☾





Arte de François Muleka.

RELEASE

“Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (ANGELA DAVIS, 2017), e quando quatro mulheres negras se movimentam juntas em um estado que nega constantemente suas existências? Você consegue imaginar o tamanho e a força disso? Isso é o IMANI! IMANI, palavra que significa fé na língua swahili, é a união através da música de Addia Furtado, Anis de Flor, Dandara Manoela e Marissol Mwaba, quatro mulheres negras moradoras de uma cidade do Sul do Estado de Santa Catarina, fazendo música com o canto, mas também com percussão, com cordas. Mulheres negras compositoras, instrumentistas que estão rompendo com o imaginário racista que sempre as coloca em lugares de submissão, mostrando que podem e vão estar aonde quiserem, fazendo, tocando, cantando o que quiserem.

A junção dessas artistas por si só já é um ato revolucionário, isso agregado ao fato de todas as composições serem de autoria colaborativa entre as integrantes e terem um cunho político e social

que remete ao enfrentamento do racismo, machismo e outras questões sociais, faz com que o CD ganhe ainda mais força de transformação, de rompimento, de agregação.

O disco de IMANI é um ato de fé! Uma fé que não se limita à religião, mas que transcende o seu significado mais comum, é a fé no encontro, na música como um instrumento político de transformação, na força de quatro mulheres negras resistindo e existindo com sua arte, a fé nas mulheres negras, fé na importância de representações positivas, fé em uma sociedade melhor, mais justa e igualitária. Uma fé que se materializa nas trocas, na democratização do conhecimento, dos processos e do som.

Importante apontar também que, além dessa potência de encontro das integrantes do IMANI, a produção musical do CD contou com Dessa Ferreira, outra mulher negra moradora do Sul do Estado que agregou ainda mais ao projeto.

MÚSICA

IMANI

ACIMA DE NÓS, o céu se faz raiz
O caule da planta é a própria aprendiz
É corda, é escada
De quem ouve e de quem diz
É força, é mordança, é o martelo do juiz
Marco de uma história que querem
apagar
Lançam desassossegos que ousam cegar
Mas o olhar que parte
Contra o pé que bate
Fala sem mais nem menos
Aqui não!
Machismo, Racismo, Homofobia
Aqui não!
Apropriação Cultural
Aqui Não!
Abuso de Autoridade
Aqui não!
Violência Policial
Aqui não!
Etnocídio, Genocídio, Feminicídio
Aqui não!

Imani é força e fé
É força acima de nós
Saber ancestral que cerca
É afeto que conecta
Mas o olhar que parte
Contra o pé que bate
Fala sem mais nem menos
Aqui não!
Abaixo de nós o que pulsa me liberta
O que me liberta me pulsa.
Aqui não!
Transfobia, Gordofobia
Aqui não!
Intolerância Religiosa
Aqui Não!
Censura e Repressão
Aqui não!
Todo e qualquer tipo de opressão
Aqui não!
Racismo, Racismo, Racismo
Aqui Não! ☪

FICHA TÉCNICA

EQUIPE IMANI: Addia Furtado, Anis de Flor, Dandara
Manoela e Marissol Mwaba

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: Dessa Ferreira

PRODUÇÃO MUSICAL: Dessa Ferreira

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Renata Schlickmann

CAPTAÇÃO, MIX E MASTER: Rafael Pflieger

ARTE DA CAPA: François Muleka

PROJETO GRÁFICO: Leo Saconatto

EQUIPE DE APOIO: Gutcha Ramil, Leonor Scola e
Natália Livramento

*Viabilizado pelo Edital Elisabete Anderle de Incentivo
à Cultura de 2020*



ABRASABARCA é uma coletiva de mulheres que se dedica à pesquisa, descoberta e (re)invenção poética. A proposta de cultivar a troca, o atrito, as faíscas todas, manifesta-se na escrita atravessada das sete integrantes e em performances que convidam o público a se atravessar também. Formada por Ana Araújo, Arielle Louise, Elisa Tonon, Ibriela Sevilla, Juliana Ben, Juliana Pereira e Luciana Tiscoski, a coletiva publicou *Abrasabarca* (Medusa, 2018) e *Revoluta* (Caia-ponte, 2019). Principais performances: *Durar ou arder?* (Quinta Maldita, 2018), *Uma mulher o que é?* (Sarau da Tainha, 2019), *Como olhas?* (FestiPoa Literária, 2019), *Entre o sonho e o despertar* (Escola Brasileira de Psicanálise, 2019), *Revoluta* (Bienal Internacional de Curitiba/ Polo SC, 2019).

www.abrasabarca.wordpress.com

www.instagram.com/abrasabarca

www.facebook.com/abrasabarca

*Colagem Analógica
de Lu Tiscoski.*

o que amar, senão o enigma?

Juliana Ben é poeta, feminista, performer, produtora cultural e pesquisadora. Autora de *Tê encontro nas minhas linhas em branco* (2012), *Preia-mar* (Penalux, 2018) e *Duração* (Papel do Mato, 2021) é também idealizadora do Festival de Literatura PIPA – Pela Ilha Palavra Amplificada. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, na UFSC, onde pesquisa processo criativo e atuação ativista junto a coletivos de mulheres artistas.

o que amar, senão o enigma?
o espaço
a nunca ser preenchido
por ser matéria de silêncio
e escuta?

o que jorrar, senão o sentido?
o que nos atravessa e desconstrói
e faz de nós
um vir a ser
melhor?

o que questionar, senão o cogito?
um pensar suprimido,
anestésico
fingido
que abriga um suposto neutro universal
masculino?

o que salvar, senão o perdido?
aquele que à margem se posta
jogando pro fundo do poço
um todo
que nos contém?

o que conter, senão o amor?
que já não resolve o vazio
nem a loucura
ou a política
ou o medo
de não ter
amor

o que amar, senão o enigma? ☪

An analog collage by Lu Tiscoski. The composition is layered and surreal. In the upper left, a woman with long dark hair and a red headband is shown from the chest up. To her right is a large, detailed animal head, possibly a bear or wolf, with glowing eyes. Below these elements is a window with a grid pattern, through which a red balloon is visible. In the lower right, a woman is depicted from the waist up, with her arms raised and holding onto a tree trunk. Her legs are intertwined with a dense network of white, root-like structures that spread across a checkered floor. The background features a pattern of blue and black cubes, creating a 3D effect. The overall color palette is dominated by warm tones like red, orange, and yellow, contrasted with the cool blues and blacks of the geometric patterns.

Ana Araújo (1976 -) Sabedora do sabor de mastigar palavras em voz alta: contadora de histórias, poeta, dramaturga, professora de português, de latim. Admira também as letras em seu ser coisa, forma no papel, arquitetura pétrea e logo pó: revisora, tradutora, mestre em estudos literários.

Colagem Analógica
de Lu Tiscoski.

Chama

a esfinge seja talvez questão de espelho

mas essa radical separação
de si
não será esquecer-se que o caco agudo
que nos cinde o mundo é artifício
barato

cifra
de banana:
alimento (1 bigo, 1 cacho, 10 pencas),
utensílio (1), curativo contra berrugas (3em1),
graxa (f(x)), teto (1), banheiro (10)
coisa ryca (1.171)

espetáculo
aliás, memória

há
os espelhos
nos banheiros
coisa obscena
flagrar
o outro Sendo
mesmo

o espelho talvez
questão de esfínter

certa vez um japonês
(me pego na rima espontânea
crueza inventar assim o Próximo)
um menino certa vez
perguntou que faziam as mulheres
juntas
no banheiro

e qual textura tinham
nos dedos meus
peitos
de silicone da minha amiga
tessitura desconhecida
os peitos das amigas

semanas, entre tanto,
não se pode suportar
o reflexo das outras
no odor dos banheiros

faz escuro, então
eu caco
sem reflexão possível
na decifração contábil
e até o oco é ponta
lâmina sem lua

(Japão, capital:
um espelho d'água
limpa
guarde a porta da tua casa
para que o outro se lembre
ao entrar
de permanecer do teu lado
de fora)

quebrei todos os espelhos da minha casa, Íbis
pode entrar, ô amiga
o Lua
está nós
as palavras às vez estão escura
prece, Thoth

meus cacos
uma poça sangue
negro tanto

reflete
o oco penetrável

vulnera que recuso de
cifrar
em 42 syntagmas des
culpas

o oco no caco
chama: ☾

único desejo

Luciana Tiscoski é jornalista e escritora. Mestre e Doutora em Literatura pela UFSC, com pós-doutorado em Artes Visuais (História, Teoria e Crítica) pela UDESC. Publicou poemas, contos e ensaios em revistas, livros e periódicos acadêmicos. Lançou seu primeiro livro individual de contos, *Área de broca*, em 2021, pela Editora Nave. Trabalha atualmente como técnica de cultura do Sesc Santa Catarina.

no rastro
do enigma

desejo

o voo baixo
batendo as asas
em edifícios velhos
ruínas gastas
com histórias sem contos
num curto espaço
de tempo

rasantes em para-raios
atraio descargas elétricas
atmosféricas
logo a colisão
nos vidros das janelas

porque uma das aberturas
apresentava dentro
uma luz tão acolhedora
por isso a escolha

o voo baixo
rastejante
numa terra sempre pouca
onde eu possa pousar
meu desejo

ave pesada de amor
tem dificuldade de orientação
nos voos altos

antes pousa
usa a força descendente
aprende a cavar
dorme no buraco
da terra quente
coruja sem bando

no rastro do desejo
enigma ◀

duas portas

Ariele Louise é mestra em Literatura, licenciada e bacharela em Letras Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Preparadora e revisora de textos na Releitura (<https://releituratextual.wixsite.com/home>). Instrutora de Língua Portuguesa no COC Floripa.

há duas portas
uma quarto sala
outra sala pátio.
a primeira me protege
e também isola,
a segunda tem me olhado
e trouxe pesadelo:
alguém bate
vou abrir
quem bate não deixa eu abrir.
não há pessoa batendo.
eu continuo puxando
desta vez com uma corda,
pra não chegar muito perto.
puxo com força
quem bate continua
puxando a corda do outro lado.
a coisa está ali.
a porta não abre
nem fecha.

da minha cama
vejo essa porta
(pensei até em mudar a posição
da cama
para parar de vê-la
e de ser vista)
ela está quase sempre aberta.

agora é tarde,
continuo com ela aberta
porque quero ouvir
os barulhos dos meus
amores que estão no pátio.
e decidi olhar para ela,

ainda sinto medo,
mas gosto e prefiro
ouvir todos os barulhos
dos meus amores
que estão no pátio.

lembrei do amigo
que falou de um livro
em que a porta
é o lugar da poesia.

jano

“a porta-voz,
a porta-bandeira,
a porta-passagem,
a travessia que te dá acesso à imensidão,
que te leva ao ponto firme
e rijo da duração
no meio dessa vertigem ininterrupta...”

hoje vou dormir com elas abertas
porque quero ouvir
os barulhos dos meus amores
que estão no pátio.
eles também me protegem

“(japão, capital:
um espelho d’água
limpa
guarde a porta da tua casa
para que o outro se lembre
ao entrar
de permanecer do teu lado
de fora)” ☾

ziguezague

Elisa Tonon aglomera letras e palavras como a festa (im)possível do mundo que vem. É doutora em literatura pela UFSC e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), onde desenvolve o projeto de extensão Clube de Escrita.

ela falou que certos enganos são necessários. não tive forças para discordar, dizer qualquer coisa seria comprovar o indispensável do equívoco. fui embora quase imediatamente, andei por muitas ruas, o olhar perdido e confuso, não sabia bem como levar a coisa estranha, o engano, a ingenuidade. me apaixonei de novo aos 75 anos, afirma Isabel Allende no jornal. um amigo avisa que respondeu minhas perguntas por e-mail, mas não todas. rio, gargalho, a vida já não me permite a ilusão das respostas. ele escreve que ainda é medo pra isso. medo não, * cedo. o corretor interfere. como sabe? um animal atravessa meu caminho correndo em ziguezague e quem o atropela sou eu. carregamos o acidente no corpo e sinto vergonha. sou violenta e agressiva como o vento forte demais daquela noite, as telhas no chão espatifadas. o pior é que todo mundo vê a casa descoberta mas só quem mora sente a água chovendo dentro, meses depois. e nem é de todo mal, o frio arrepia e lembra que a vida pulsa forte e incontrolável enquanto exige cuidado e proteção. gostei tanto de chegar sozinha no exato instante em que a lua vermelha despontava acima da linha do mar, de ter enfrentado o frio, a dor e certa dose de precaução para assistir suas mudanças de cor durante a subida que, hipnotizada, ainda tento adivinhar os desenhos que marcam a outra face. ◀

ondulação

Juliana Pereira é poeta,
feminista, anticapitalista, mestra em
Literatura pela UFSC e professora de
língua portuguesa.

amar é
água que toca
espuma que chega
convida

nada sem ter habilidade suficiente
você me diz
que não faz mal
isso não importa
você enche a boca e diz
é impossível levar um barco sem temporais

eu anoto tudo ☞

Amar... a vileza da carne covarde

Ibriela Bianca Sevilla

Doutora em Literatura, professora e pesquisadora independente de literatura brasileira contemporânea. Atua em projetos culturais ligados ao incentivo à leitura, performance poética e leitura dramática. Publicou seu livro solo de poemas *Mínimo Tratado da Paixão* (Urutau) em 2021; acredita no poder da palavra e que saber ler o texto velado de um poema é (poder) desvendar os enigmas da vida cotidiana.

Amar... a vileza da carne covarde

Estas unhas ciclônicas morrem
por rasgar
aquela pele tingida e sumarenta,
aquela.

Estas unhas são covardes
rabiscam um sentir sem nome
passam completas pelo arrepio da
epiderme.

Duras, duram na morte
mínima das células.

Estas unhas guardam restos de tudo
que não se ousa dizer
guardam tabus, gotas de saliva
cacos de espelho-esfinge.

Estas unhas, instrumentos
de trabalho, roem o oco
coçam em ferida secretam
cutícula.

Corta com os dentes enviesados
aquela pelezinha-espinho que
dói na carne e não
sai do pensamento

Estas unhas de ciclone arranham o desejo
imutável, minúsculo
e covarde do
enigma. ☾



Colagem Analógica
de Lu Tiscoski.



Colaboraram, também, com ilustrações para esta edição:



Cyntia Silva. (1966 -) Brasileira, professora de Língua Portuguesa há três décadas e fundadora da Oficina da Palavra, edita a Revista Texturas. É apaixonada por palavras e busca inspiração na Literatura, na música e na fotografia e nas artes visuais. Fotografa para recolher a poesia que cruza por seu caminho.



François Muleka. (1985 -) Figura ímpar na cena musical independente, François atua como artista visual, cantautor, multi-instrumentista e já lançou um EP e 5 discos autorais. Movido pelo coração e provocado pelas dinâmicas de invisibilidade social seletiva do cotidiano, Muleka apresenta seu trabalho que aborda percepções pessoais sobre afetividade, ancestralidade e a eterna procura.

Assinou como arranjador dos violões do álbum Um Corpo no Mundo (2017), de Luedji Luna, e participou dos arranjos vocais do disco O Amor é Um Ato Revolucionário (2019), de Chico César, assinados por Marissol Mwaba. Em 2020 lançou o EP “OVO”, os clipes “Um Segundo”, “Desempenho” e o álbum “Algorítmico” em parceria com o percussionista Kabé Pinheiro. No mesmo ano, Luedji Luna lançou seu segundo disco (indicado ao Grammy Latino 2021) que conta com duas canções em parceria com François: “Bom Mesmo é Estar Debaixo D’água” e “Chororô”.



Victor Zanini. (1998 -) Nascido em Porto Alegre - RS, é graduado em cinema e, majoritariamente, artista visual. Mas quando não assiste, ouve, lê ou dorme, tenta criar, seja o que for, às vezes arte.



Paula Schlindwein. (1977-) É artista têxtil e visual, pós-graduada em Arte e Educação e Bacharel em Biblioteconomia - UFSC. Vive e trabalha em Florianópolis/SC. Realiza pesquisa na área têxtil, focando na impressão botânica, tingimentos naturais, bordados e costuras, os quais utiliza para construir seus trabalhos. Seu processo artístico apreende questões sobre o fazer, texturas e sobreposições, conceitos que fazem parte da poética da artista. Gestos e tramas de aparente delicadeza, criam e dão vida a imagens do subconsciente, com enigmas e metáforas, criando sensações ambíguas, com histórias cheias de simbolismos e memórias. Mistura que produz e dá forma a sua arte. Para conhecer mais sobre a obra e a experiência da artista, Instagram: @paula_schlindwein

[1] *Detalhe da obra da p.36-37: Entre as artérias distorcidas da memória, uma semente brota à espera de um novo amanhã. Tecido de algodão, tingido naturalmente com casca de cebola, açafraão e semente de abacate. Impressão botânica com flores e folhas de cosmos, gerânio, roseira, folhas de goiabeira, romã, arueira, quaresmeira e sementes de abacate.*

[2] *Detalhe da obra p.39: Entre as artérias distorcidas da memória, uma semente brota à espera de um novo amanhã.*



Ricardo Laf. (1972 -) É natural de Belo Horizonte; fotógrafo, jornalista e eterno estudante de semiótica e temas correlatos à imagem. Durante 10 anos propôs um diálogo entre palavra e imagem no blog www.prosada provincia.blogspot.com. Atualmente concentra a publicação de suas fotos cuja temática predominante é composta por cenas urbanas e performances culturais no Instagram @ricardolaf



Mãos que enredam.

Foto de Cyntia Silva. Maracajaú-RN, 2021.



A proposta da Oficina da Palavra

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra, proporcionamos algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

A Revista Texturas é uma publicação da Oficina da Palavra. Ex-alunos e convidados trazem a literatura em suas vidas e nos brindam com suas palavras e reflexões. Entre os textos, temos contos, crônicas, poesias, aforismos, fotografias, artes plásticas e outras imagens usadas como fios das vidas e das histórias que passam por ela.

Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação em diversos contextos: acadêmico ou técnico, vestibular e concurso, mídia digital ou [simplesmente] para o prazer de escrever criativamente.

Contatos:

cynthia@ofpalavra.com.br

(48) 9 8481.0843

[instagram@oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook@ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

www.ofpalavra.com.br

OFICINA
da Palavra 
PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR